

Economista acha que banco pode converter mais

SÃO PAULO — O Brasil poderá ser um filão muito atrativo para que os bancos comerciais credores se decidam, nos próximos meses, a fazer conversões da dívida externa em investimento por meio do mercado de ações, se uma parcela dos montantes destinados aos leilões promovidos pelo Banco Central for reservada a este segmento, que detém mais de US\$ 60 bilhões em créditos junto ao país.

A tese foi defendida pela economista Ângela Bandeira de Mello, responsável por transações com dívidas de países em desenvolvimento na Merrill Lynch, segunda corretora do mundo, ao falar sobre os fundos de conversão no seminário Conversão e outros mecanismos de capitalização das empresas brasileiras, promovido pela revista norte-americana Business Week e encerrado ontem. Os 56 fundos, autorizados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), têm, segundo ela, potencial para movimentar US\$ 1 bilhão e registraram apenas US\$ 9 milhões.

Ângela atribuiu o pouco interesse dos bancos comerciais em participar dos cinco leilões realizados pelo Banco Central, até agora, à volatilidade de preços e aos volumes especulativos nas bolsas de valores e ao problema dos deságios da dívida neles praticados.

Com esse tratamento pelo Banco Central, separando parte da carteira dos leilões a cada dois ou três meses, aos bancos comerciais, as instituições credoras certamente deixariam de lado a cautela para se decidir pelos fundos de conversão.

A Merrill Lynch, que criou um fundo de conversão de US\$ 150 milhões para aplicação no Brasil, faz um trabalho de marketing junto a vários bancos comerciais, alguns de grande e médio porte, com exposure (ativos da dívida do Brasil) de US\$ 1 bilhão, para que se interessem por essa aplicação.